



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ALINE DE SOUSA MOURA

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE OBSERVAÇÃO NO ENSINO REMOTO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO COM A DISCIPLINA DE
GEOGRAFIA**

JOÃO PESSOA-PB
2021

ALINE DE SOUSA MOURA

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE OBSERVAÇÃO NO ENSINO REMOTO: RELATO DE
EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO COM A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em geografia.

Área de concentração: Ensino da Geografia

Orientador: Prof. Ma. Maria Juliana Leopoldino Vilar.

JOÃO PESSOA-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M929e Moura, Aline de Sousa.

O estágio supervisionado de observação no ensino remoto [manuscrito] : relato de experiência no ensino médio com a disciplina de Geografia / Aline de Sousa Moura. - 2021.

32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - João Pessoa, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Juliana Leopoldino Vilar , Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Ensino da Geografia. 2. Professor de Geografia. 3. Desafios da carreira docente. I. Título

21. ed. CDD 910.7

ALINE DE SOUSA MOURA

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE OBSERVAÇÃO NO ENSINO REMOTO: RELATO
DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO COM A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em geografia.

Área de concentração: Ensino da
Geografia

Aprovada em: 26/07/2021.

BANCA EXAMINADORA

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Prof. Ma. Maria Juliana Leopoldino Vilar (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Regina Celly Nogueira da Silva

Prof. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Solange de Freitas Manguinho

Profa. Esp. Solange de Freitas Manguinho

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu forças e me abençoou nesta caminhada. Em especial a minha orientadora Juliana por toda dedicação, paciência e por ter acreditado em mim ao aceitar me orientar neste trabalho. Levarei este crédito para o resto da minha vida. Agradeço aos meus pais, minha filha Alice e em especial ao meu noivo Dennys por toda paciência e ajuda durante toda essa caminhada.

Agradeço a todos os tutores e em especial a tutora Solange que sempre acreditou em mim, nos momentos mais difíceis me incentivou, me apoiou e nunca me deixou desistir.

Agradeço a todos os professores do curso de licenciatura em geografia por todos os ensinamentos durante esses quatro anos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal a apresentação e reflexão da experiência vivenciada com a realização do Estágio Supervisionado. É discutido os desafios encontrados na carreira docente, sobretudo no contexto atual, onde as aulas precisaram ser remotas devido à pandemia da SARS-COV 2, que atingiu o mundo no ano de 2020. A presente pesquisa obteve como suporte teórico autores como: Faustino e Silva (2020), Pimenta e Lima (2006), Basso (1998), Souza e Miranda (2020) entre outros autores que dialogaram sobre o tema. A elaboração da mesma dispõe de uma pesquisa documental com orientações curriculares e sites de jornais, assim como a pesquisa bibliográfica que procura relacionar principalmente o ensino da geografia com a observação participativa através da aplicação de um questionário com o professor regente, sendo, portanto, uma pesquisa de caráter qualitativo na obtenção de dados pertinente aos objetivos propostos. Os resultados que chegamos foi que as dificuldades foram muitas tanto para professores como para os alunos, várias foram as dificuldades como internet, desafios do professor, e dificuldades do aluno.

Palavras-chave: Ensino da geografia. Professor de geografia. Desafios da carreira docente.

ABSTRACT

This report has as its main objective the presentation and reflection of the experience lived during the Supervised Internship. It discusses the challenges found in the teaching career, especially in the current context, where classes needed to be remote due to the SARS-COV 2 pandemic that hit the world in 2020. The present research had as theoretical support authors such as: Faustino and Silva (2020), Pimenta and Lima (2006), Basso (1998), Souza and Miranda (2020) among other authors who discussed the theme. The preparation of the same has a documentary research with curriculum guidelines and websites of newspapers, as well as the bibliographic research that seeks to relate mainly the teaching of geography with the participatory observation through the application of a questionnaire with the regular teacher, being, therefore, a qualitative research in obtaining data relevant to the proposed objectives.

Keywords: Geography teaching. Geography teacher. Teaching career challenges.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
2.1	A construção do processo de ensino e aprendizagem em geografia no ensino médio: orientações curriculares e o contexto teórico-prático	08
2.2	O estágio como campo de pesquisa: aulas de geografia no ensino médio como objeto de investigação e reflexão	12
2.3	O ensino remoto: desafios e possibilidades para o ensino de geografia.....	15
3	METODOLOGIA	18
3.1	Localização e caracterização da escola.....	18
3.2	Técnicas.....	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1	Dificuldades encontradas pelo professor.....	23
4.2	Participação dos alunos do ensino médio no contexto das aulas remotas.....	26
5	CONCLUSÃO	28
	REFERÊNCIAS	29

1- Introdução

Este trabalho de conclusão de curso é produto de reflexões e experiências vivenciadas ao longo do Estágio de observação realizado na Escola Cidadã Integral Compositor Luís Ramalho, que se localiza na cidade João Pessoa-PB, durante o período de 08 de outubro a 18 de dezembro de 2020. Nesta ocasião, a turma escolhida para a observação foi o 2º Ano do ensino médio.

No ensino médio, a construção do processo de ensino-aprendizagem demanda do professor a busca contínua por metodologias e práticas que permitam aos alunos entender e dominar os conteúdos que estão sendo apresentados. É assim que, os alunos, além de criar pensamentos lógicos, dedutivos e analíticos, são sujeitos a um aprofundamento acerca de todas as temáticas do ensino fundamental dentro do ensino médio.

A geografia no ensino médio deve contribuir para a formação de cidadãos e leitores críticos, entretanto, isso requer a compreensão, por parte do aluno, do seu papel no ensino escolar, de forma clara, criando assim, uma possibilidade de atuar na transformação na sociedade. Diante disso, o ensino médio, posicionam os discentes para a realidade social, levando-os a conhecer, explorar e transformar o espaço onde vivem e, a partir deste, estabelecem relações.

As escolas estaduais da rede básico do estado da Paraíba passaram por um processo de mudança, no qual, acarretou na implantação do ensino integral, que tem grande influência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e não ficaram de fora as mudanças na disciplina de geografia. Os objetivos de conhecimentos trazem mudanças nítidas dos conteúdos anuais da disciplina, que são consideradas de alguma forma negativas, além da interdisciplinaridade que trazem um pouco de receio para os professores de geografia. A influência da BNCC está claramente inserida dentro dessas escolas, tanto no planejamento pedagógico como na estrutura em si da escola.

O estágio supervisionado de observação é de crucial para a formação dos futuros profissionais da educação e também cria laços de parceria entre a universidade e o ambiente escolar, fazendo com que o licenciando se insira de forma prática para uma construção de novos modelos de aprendizagem tanto para o professor regente quanto para o discente. O estágio de observação gera, portanto, uma troca de conhecimento e de experiências que promove, assim, um ensino-aprendizado significativo.

Foram utilizados para fundamentar o trabalho alguns autores como, Lima e Pimenta (2006), Giriotto (2016), entre outros, para transparecer e aprofundar o debate acerca dos temas abordados do referente trabalho.

O estágio ocorreu em um momento atípico, em que o mundo passa por uma grave pandemia, o que obrigou vários segmentos da sociedade a fecharem as portas, dentre eles as escolas. Deste modo as aulas vêm ocorrendo de forma remota, através de atividades síncronas e/ou assíncronas. Diante deste contexto, o professor passou a ter o grande desafio de transformar suas bases didático-metodológicas e se adequar a uma forma totalmente diferente daquilo vivenciado até então no ensino presencial, tendo que inovar e se reinventar a cada dia.

O estágio de observação aconteceu de forma remota, de modo que o estagiário passou a auxiliar o professor regente nos seus planejamentos e nas suas aulas, colaborando com ideias e sugestões para o crescimento da aprendizagem no momento atual. Esse estágio foi realizado de modo assíncrono, com trocas de conhecimentos e atribuindo assistências nos referentes conteúdos programáticos que são disponibilizados pelo estado.

Tem como objetivo refletir a transição do ensino presencial para o ensino remoto de forma emergencial em uma escola, frisando as dificuldades encontradas pelo professor, com ênfase na participação dos alunos do ensino médio nesse novo contexto em que vem sendo construído no processo de ensino e aprendizagem em Geografia.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho apoia-se em uma pesquisa qualitativa, através da qual se fez uso de pesquisas bibliográficas e observação participativa. Utilizou-se de um questionário com perguntas referentes ao impacto do ensino remoto e a interação dos alunos diante as modificações vivenciadas. Em particular, às mudanças referentes às aulas remotas na disciplina de geografia.

O presente trabalho está estruturado com referencial teórico que é debatido por alguns autores acerca da temática; a metodologia que irá explanar o modelo da pesquisa; os resultados e discussões, nos quais que serão analisadas as consequências observadas e relatadas pelos alunos de acordo com a problemática e, por fim as considerações finais.

2- Fundamentação Teórica

2.1- A construção do processo de ensino e aprendizagem em Geografia no ensino médio: orientações curriculares e o contexto teórico-prático

A educação brasileira se remete a momentos históricos que são apontados por situações sociais, políticas e econômicas, que percorreram todas as sociedades brasileiras. Houve períodos em que, o poder público não consistia em um sistema regular de ensino, mas apreciaria que fossem estabelecidas práticas educacionais com acesso livre de uma educação a todos. Após algumas inquietações e discussões, foram criadas possibilidades de leis, as quais atendessem o

desejo de modelo de sistema educacional, em que, o governante da época visava. De acordo com Brasil (1996) apud Portela (2018):

As principais modificações que fomentaram um sistema único de educação foram instituídas por leis, sendo que a primeira delas, a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação de 1961, implementou o Projeto da Educação brasileira centrado em ensino primário, ensino secundário e ensino superior. Na segunda, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, houve o indicativo da existência de um sistema único de Educação Básica. Isso quer dizer que, a partir dessa lei, a educação brasileira seria de acesso comum a todos os brasileiros e, mais recentemente, foi criada a LDB de 2013, que ratificou a constituição de 1988, no intuito de estabelecer uma Base Nacional Comum Curricular. [...] Nessa sequência, desde a década de 1990, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o país seguiria rumo à construção de conhecimentos e conteúdos que deveriam estar presentes em todas as escolas, em conformidade com o que pretendia o poder público.

Os parâmetros foram constituídos de acordo com o avanço das tecnologias e o proposto mundo globalizado, no qual, estaria evidenciando as mudanças geográficas ocorridas durante década de 1990. Estes documentos foram utilizados como um guia para a implementação da Base Nacional Comum curricular (BNCC). Mas o que é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)? Trata-se de um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2018, p7). Diante dessa definição, a BNCC consiste em uma estratégia para alinhar e integrar políticas públicas e ações referentes aos professores e aos conteúdos educacionais, objetivando o desenvolvimento pleno educacional.

A BNCC promove aos estudantes dez competências gerais que concretizam os direitos da aprendizagem e desenvolvimento. Essas competências gerais têm como definição, a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p8). Portanto, essas competências propõem estimular ações para uma sociedade mais humana e construir valores à preservação da natureza.

Afinal, como podemos observar a disciplina de geografia no ensino médio? No ensino médio a BNCC segmenta as disciplinas pelas áreas de conhecimento e estabelece competências específicas das áreas. Ao analisar as competências, a BNCC acrescenta a palavra componente curricular, que inclui várias *disciplinas*, de acordo com cada área de conhecimento.

A geografia no ensino médio está inserida na área das ciências humanas e sociais aplicadas, propondo que os estudantes tenham desenvolvimentos de diálogos e domínios dos conceitos próprios da área. Diante a todos os pressupostos, a BNCC garante as competências

específicas, que são indicadas habilidades a cada uma delas. São seis competências dessa área, sendo elas:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. 2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações. 3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. 4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades. 5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. 6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018, p.570)

Podemos observar que há uma interdisciplinaridade entre os componentes curriculares desta área, que deixa os futuros professores frustrados em relação a isso, que segundo Oliveira e Fenner (2020, p3) apud Fazenda (2002) a formação inicial dos professores oferecida pelas universidades não os prepara suficientemente para trabalhar em uma perspectiva interdisciplinar, visto que os currículos das licenciaturas seguem o paradigma cartesiano.

Este documento deixa os professores com um grande desconforto, sabendo em que outros profissionais da mesma área de conhecimento, podem ministrar aulas do seu componente curricular em que se formou, como relatou Damasceno Filho et al (2011, p. 129-130) apud Basso (1998, p. 19):

muitos licenciados em Geografia, após o período de preparação para o trabalho docente direcionado para os assuntos relacionados à disciplina de sua formação, serem submetidos à atuação em outras disciplinas, como por exemplo, Geografia, História, Sociologia, Filosofia e Artes. Esta realidade é uma forma de complementação da carga horária de trabalho. Essa prática pode incorrer numa “ruptura entre significado e sentido, tornando o trabalho do professor alienado, comprometendo ou descaracterizando a atividade docente”.

Diante dessa realidade, pode-se observar que algumas escolas não conseguem seguir com o planejamento da BNCC, segundo a repórter Mariana Tokarnia:

os professores identificaram conteúdos que consideram muito complexos, que, para eles, deveriam ser aprendidos apenas no ensino superior, e mostraram também que as escolas precisarão de adequações e profissionais, de formação, para colocar em prática determinados pontos, sobretudo os que demandam o uso de tecnologias. (AGÊNCIA BRASIL, 2018)

A estrutura de ensino no Brasil segue um modelo tradicional, isto é, através apenas de livros didáticos e utilizando pouca ou nenhuma tecnologia, fato este que ainda se reflete nos dias atuais. Com o avanço da tecnologia, as escolas precisam de uma reformulação de modo a se adequar a novas metodologias de ensino que façam uso destas tecnologias. Podemos citar uma nova formação para os professores para saber lidar com essas novas orientações de currículo, que para Portela (2018, p.63):

Desse modo, o professor de Geografia habilitado apenas em uma graduação terá a difícil missão de se compreender como profissional de um componente curricular da área de Ciências Humanas, embora, a formação inicial não o habilite, em termos teóricos, técnicos, metodológicos, pedagógicos, políticos e sociais, a ministrar aulas de disciplinas de outros componentes curriculares.

Sendo assim, a disciplina de geografia está se encaminhando para uma perda de aprendizado muito grande, visto que, os discentes da licenciatura em geografia, estudam profundamente sua área de atuação e, teoricamente, tem a convicção que só irão atuar em apenas uma disciplina. Girotto (2016, p.435) analisa a seguinte proposta, em que, a lógica da eficiência contribui para a ampliação da perda da autonomia docente, uma vez que os professores e professoras passam a ter, cada vez mais, suas ações vigiadas, controladas, avaliadas desde um olhar externo, sobre o qual pouco ou nada têm de controle. Portanto, a essência de ensinar a geografia pelo o profissional habilitado para tal área está deixando de ser prioritário na nova proposta da BNCC e o ensino está ficando cada vez mais vago, os alunos vão ter pouco conhecimento e bastantes dificuldades no ensino- aprendizado.

Os novos modelos de escolas integrais que estão sendo inseridas na sociedade, trazem a realidade da inclusão dos critérios e estrutura da Base Nacional Comum Curricular, principalmente quando se trata da interdisciplinaridade.

É importante ressaltar que alguns professores procuram melhorar o ensino, trazer reflexões e mudanças tanto para a disciplina como para a escola, buscando se adequar a o novo modelo de currículo, e repassando para o alunado a identidade única da geografia que foi construída há alguns séculos.

2.2- O estágio como campo de pesquisa: as aulas de Geografia no ensino médio como objeto de investigação e reflexão

O estagiário irá vivenciar uma prática que reflete os direcionamentos dos documentos oficiais, enquanto na universidade aprende a teoria é na escola que irá perceber o que de fato acontece. O estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório no ensino superior para todas as licenciaturas, e tem como finalidade inserir os futuros profissionais na realidade escolar, vivenciando a teoria e a prática em que se vem estudando durante todo o curso, além de proporcionar a experiência de domínios de instrumentos e atuação das funções, fazendo com que o estagiário observe e transforme o espaço escolar em um âmbito de pesquisa, planejamento e avaliação de diferentes atividades pedagógicas. Scalabrin e Molinari (2015, p.3) ainda destacam “desenvolver habilidades, hábitos e atitudes relacionados ao exercício da docência e criar condições para que os estagiários atuem com maior segurança e visão crítica em seu espaço de trabalho”.

Diante disto, a educação não deve apenas ter a relação entre professor e aluno, mas também ter o convívio entre o professor e estagiário, ambos se ajudando, mostrando novas maneiras de trabalhar, compartilhando experiências profissionais e ampliando as sugestões que enriquecem a formação acadêmica do estagiário.

O estágio constitui uma grande contribuição para a aprendizagem do aluno, principalmente nos cursos de licenciatura, pontuando que para alguns, é o primeiro contato com o ambiente escolar, no qual, quando se depara com a realidade, busca estratégias para transformar a educação no contexto que está inserido em nosso país e conseqüentemente contribui para uma educação melhor.

Segundo Scalabrin e Molinari (2013, p.5) apud Pimenta (1997):

O estágio supervisionado torna-se imprescindível no processo de formação docente, pois oferece condições aos futuros educadores, em específico aos estudantes da graduação, uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor e, a partir desta experiência os acadêmicos começarão a se compreenderem como futuros professores, pela primeira vez encarando o desafio de conviver, falar e ouvir, com linguagens e saberes distintos do seu meio, mais acessível à criança.

O estágio se torna uma experiência importante para um trabalho construtivo e de consciência da realidade escolar. Com isso, o estagiário passa a ter expectativas de como irá atuar como futuro profissional, de como vai conciliar a teoria e a prática em que foi estudado

durante toda a sua formação acadêmica, de forma em que leve seus futuros alunos para dentro da realidade.

Na disciplina de geografia não é diferente, o futuro professor tem que fazer com que esse componente curricular seja inserido na realidade de cada aluno, tornando essas aulas mais participativas, que faça despertar no aluno um olhar crítico e opiniões sobre o que acontece no mundo. Buriti e Moraes (2019, p.171) dizem que:

A Geografia tem o papel de contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, as práticas aplicadas para a transmissão/construção desse conhecimento são de suma importância, uma vez que, estas auxiliarão o profissional a relacionar conteúdos científicos com os conhecimentos prévios dos alunos e, dessa maneira, se viabilizará a compreensão do saber geográfico participativo e mais significativo.

O papel da geografia em formar cidadãos acontece ou deveria acontecer em qualquer nível de ensino, não só nos anos finais do ensino fundamental e o médio. A disciplina de geografia tem grande impacto na formação do aluno. O professor tem a missão de levar os alunos a aprender sobre o conhecimento geográfico de modo que os alunos se tornem protagonistas da sua própria aprendizagem, não tornando assim, as aulas enfadonhas.

Lecionar a geografia na atualidade, em um mundo globalizado, pode não ser uma tarefa fácil. É necessário se preparar para novos desafios e conhecimentos de naturezas diversas, e oriundos de conteúdos de abordagem críticas e conceitos de fatos e conhecimentos. Fazer uma sistematização dos referentes temas com a sociedade e com o dia-a-dia, bem como ter a tarefa formar cidadãos críticos e prontos para a vida.

E o estágio como campo de pesquisa? Pimenta e Lima (2006, p.14-15) ressaltam:

A pesquisa no estágio como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. Esse estágio pressupõe outra postura diante do conhecimento, que passe a considerá-lo não mais como verdade capaz de explicar toda e qualquer situação observada, o que tem conduzido estágios e estagiários a assumirem uma postura de ir às escolas e dizer o que os professores devem fazer. Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidas na postura investigativa.

Diante do que foi citado, o estagiário como pesquisador tem que buscar formas de problematizar o que está observando durante todo o período do estágio, dentro da disciplina

de geografia que, ao final obtenha resultados e propostas significativas para a melhoria do espaço escolar e principalmente neste componente curricular.

No ensino médio, o estágio também adquire bastante importância, uma vez que esse é o momento em que os alunos começam a ser preparados para entrar em uma graduação e a tornarem-se futuros profissionais. Portanto, a realidade escolar se torna mais ampla e os desafios se tornam mais visíveis. Primeiramente, o tempo do estágio de observação, isto é, cerca de quatro meses é pouco para ampliar as práticas pedagógicas estudadas durante a graduação. Aliado a isto, existe o fato de que alguns estagiários têm certa insegurança de atuar como docentes que, segundo Campos e Lima (2013, p. 150) entre os maiores problemas enfrentados nesta etapa está a insegurança do estagiário em ser o professor responsável pela sala, ou seja, de como irão ministrar os conteúdos, a preocupação com a didática e se os alunos estão entendendo o que se quer ministrar. Esta insegurança somente é contornada com o tempo e com a experiência em sala de aula.

Cabe também salientar que sempre há um impacto entre a teoria e a prática, pois os estagiários imaginam a escola de uma determinada maneira que, de acordo com Cesário et al (2013, p. 22) apud Pimenta e Lima (2004) o estágio contemple a pesquisa, que a pesquisa esteja presente no estágio, formando o professor pesquisador e mediador dos conhecimentos, aquele que cria projetos, que estranha a realidade escolar, que problematiza as diferentes situações de ensino e que busca possíveis soluções para os desafios encontrados no dia a dia da escola. E quando se deparam com a realidade escolar, observam muitas diferenças, contrastando com o que viram na teoria. Por isso, é importante permitir que os discentes tenham noção do contexto escolar desde o início de sua formação, pois inseridos no cotidiano da escola passam a ter a real noção do que irão enfrentar na sua profissão. (SCALABRIN; MOLINARI, 2013).

As escolas da rede Estadual do Estado da Paraíba foram transformadas em escolas integrais, o que trouxe ainda mais desafios para o estagiário de geografia. As disciplinas são divididas por áreas de conhecimento e, nessa conjuntura, a disciplina de geografia ficou na área de ciências humanas e sociais aplicadas, na qual passa a ter menos destaque do que era antes. O estagiário se depara com alguns critérios que lhe deixam frustrado, como, por exemplo, ao saber que professores de outras áreas podem lecionar a disciplina de geografia, como já foi mencionado neste texto. Já imaginou estagiar com um professor formado em sociologia lecionando a disciplina de geografia? O quão frustrante seria isso? Além de todos os desafios em que se encontra durante o estágio, é preciso se tornar um grande transformador da educação. Segundo Scalabrin e Molinari (2013, p.8), fala que:

Perante isso, os futuros professores são confrontados com a necessidade de determinarem novos saberes e práticas, de maneira que possam desde então construir percepções que num futuro próximo lhes deem condições do exercício de uma prática docente que seja, de fato, humana e justa, o que não é fácil diante da realidade em que vivemos, mas é possível.

À vista disso, o estágio é uma experiência única, que se faz necessário para a contribuição da formação da licenciatura, deixando o estagiário escolher e se adequar a caminhos de abordagens coerentes, concebendo novas construções de expectativas reflexivas em torno da realidade em que vivenciou, despertar novos interesses de pesquisas e estratégia para o ensino- aprendizado, despertar o interesse dos alunos na disciplina de geografia e transparecer o quão é importante para a formação de um cidadão o conhecimento geográfico.

2.3- O ensino remoto: desafios e possibilidades para o ensino de Geografia

Além de relacionar a teoria e prática o estágio é o momento de vivenciar o contexto que a sociedade se encontra. Em tempos globalizados, o avanço das tecnologias vem se fazendo presente em todos os segmentos da sociedade, inclusive na educação. Tanto a escola como o professor precisam se inovar e trazer consigo novos métodos de ensino que se utilizem da tecnologia, principalmente. Entretanto, o professor, na sua função, combinando diferentes formas de aprendizagem, faz com que os alunos compartilhem habilidades e experiências dentro da sala de aula. Uma dessas formas é o ensino remoto.

Com a pandemia da SARS-COV 2, sigla para Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2, iniciada no ano de 2020, as escolas tiveram que se adaptar ao novo modelo de ensino, o ensino remoto. No entanto, as escolas brasileiras não eram adaptadas a esse tipo de ensino, pois não tinham estruturas tecnológicas e nem professores com formação adequada para tal. Segundo Souza e Miranda (2020, p83) Apud cc:

A implementação do ensino remoto não é algo simples. A ruptura dos processos presenciais para os virtuais de ensino e aprendizagem requer maior exploração de recursos tecnológicos até então pouco utilizados no ambiente escolar. Esta forma de ensino requer nova metodologia, na qual a abordagem do conteúdo precisa ser feita de uma forma diferenciada, tendo em vista que mesmo para os estudantes com acesso aos meios tecnológicos, há limites para a apreensão dos conteúdos. Na sala de aula presencial há maior suporte e contato direto com o professor. Além disso, é necessário ressaltar que nem todos os conteúdos, dadas as suas especificidades, se adequam satisfatoriamente, ao ensino remoto.

Diante disto, o professor se depara com um novo desafio, que dificilmente veria em sua carreira profissional, pois era acostumado com o ensino tradicional, por exemplo, através da exposição do conteúdo de forma oral pelo professor, que é indispensável (OLIVEIRA, 2013, p.11), e com a falta de estruturas tecnológicas nas escolas. Entretanto, em meio à crise decorrente da pandemia, começa a surgir uma realidade inovadora nas escolas.

O impacto da pandemia fez com que os professores se capacitassem e reinventassem, mudando totalmente seu modo de ensino, implementando nas aulas novos instrumentos tecnológicos e principalmente adequando os conteúdos das disciplinas à realidade das aulas remotas. Isto não foi diferente na disciplina de geografia.

O cenário atual evidenciou mais ainda a desigualdade social. Alguns estudantes têm grande dificuldade de aprendizagem no ensino remoto, e outros não tem acesso à internet, segundo a colunista Paula Adamo Idoeta relata que:

A pandemia do coronavírus acentuou as desigualdades na educação e tornaram mais comuns, pelo Brasil inteiro, as dificuldades de conectividade [...]. Enquanto redes e alunos com mais estrutura avançaram (mesmo que com percalços) no ensino remoto, uma parcela dos alunos e de locais mais carentes não conseguiu se manter conectada e foi perdendo tanto conteúdo quanto entusiasmo pelos estudos. (BBC NEWS BRASIL, 2020)

De acordo com essa pesquisa, percebe-se que o ensino-aprendizagem diante da estrutura citada pela colunista se torna ainda mais dificultoso. As escolas particulares e públicas adotaram as plataformas digitais para que os alunos assistam aulas online e tenham acesso aos materiais que os professores disponibilizam de forma virtual, material impresso e através das redes sociais.

As escolas trabalham com duas formas de ensino remoto, as síncronas e assíncronas, ou seja, as aulas síncronas acontecem de forma online, onde professor e aluno dialogam e a forma assíncrona acontece quando o professor organiza e separa os materiais necessários da semana e são entregues aos alunos que não tem acesso à internet e, paralelamente, a plataforma virtual. Contudo, as obrigações de preparar aulas e ainda de ter que estar entrando em contato com os alunos em diferentes meios de comunicação, sobrecarregam ainda mais o professor. Mas como considerar um novo ensino remoto:

I - Comunicação com o aluno que poderá ser síncrona (em tempo real) ou assíncrona (em tempo diferente), assim como na sala de aula convencional. II - O uso mais acentuado de recursos [tecnológicos, digitais ou analógicos] como suporte ao ensino e à aprendizagem. Embora já se faça uso da tecnologia no dia a dia, a utilização passa a ser com fins didáticos. O uso dos recursos

tecnológicos é incluído na atividade laboral [ministrar aulas], fato que não demandará grande esforço, visto que a comunicação por meio de dispositivos digitais já faz parte do cotidiano social, atestando competência no domínio da tecnologia de comunicação. III - Planejamento no que refere à gestão do tempo das ações. Essas ações estão relacionadas aos aspectos típicos da didática do ensino como: apresentação de conteúdo, oportunidade para intervenções e perguntas, tempo para leitura e aprofundamento e meios e técnicas de avaliação da aprendizagem. (GARCIA et al, 2020, p9).

Diante do ensino remoto, os professores do componente curricular de geografia passaram a poder investir nas geotecnologias, como o gps, sensoriamento remoto via satélite dentre outros, nas suas aulas, uma vez que a falta de estrutura das escolas inviabilizava este recurso. No entanto, nem todos os alunos têm acesso a aparelhos smartphone, tablets e computadores, de modo que isto traz um pouco de receio em relação à aplicação destas tecnologias, pois dessa forma se privilegiaria alunos de melhor situação socioeconômica.

A geografia tem várias ferramentas para trabalhar com aulas remotas, como por exemplo, O Google Eath, que é um software desenvolvido pela Google e cuja função é apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, além de jogos educativos tais como o Minicraft para construção de cidades, mapas mentais e GPS, que é a sigla de Sistema de Posicionamento Global, muito útil para a identificar localizações, dentre outros, fazendo com que aulas sejam mais interessantes e chamativas, trazendo assim um maior interesse por parte do aluno.

Esse modelo de ensino ainda traz consigo outros benefícios quanto à didática e ao formato dos cursos. As plataformas utilizadas pressupõem adaptações no conteúdo, exigindo que os materiais apresentem uma interface amigável, de fácil navegação e capazes de auxiliar no processo de autoaprendizagem. Isso permite que sejam inseridas novas ferramentas didáticas no repertório dos professores. Assim, jogos dinâmicos, mapas conceituais e guias ilustrados podem ser inseridos de modo a auxiliar no processo de ensino-aprendizagem (FIGUEREDO 2020 APUD OTÁVIO et al., 2011)

As aulas remotas fizeram com que os professores trabalhassem fora da escola, utilizando seus próprios materiais e instrumentos pessoais para realizarem seu trabalho, além de cumprirem carga-horária além da prevista em lei, ou seja, muitas das vezes tendo que tirar dúvidas dos alunos.

Vale ressaltar, que muitos alunos têm dificuldades de aprendizagem, dificuldades estas que foram agravadas com o ensino remoto. Por exemplo, a presença física do professor trazia ao aluno mais segurança e isto não tem sido possível no cenário atual de distanciamento

social, onde não há de forma mais intensa a relação professor x aluno. Destacamos também o que ocorre na disciplina de geografia, onde se faz necessário que os estudantes vejam, analisem e participem de diálogos, tornando a disciplina mais dinâmica e interativa.

Sendo assim, tem-se uma ideia do quão desafiador tem sido este novo método de ensino nas escolas, uma vez que nem as escolas e nem os professores estavam preparados para esta modalidade de ensino emergencial, pois:

Há necessidade de buscar alternativas práticas e metodológicas que possibilitem romper com o persistente modelo de escola, cujo processo de ensino se pauta apenas em aulas expositivas, nas quais apenas o professor é o “detentor do conhecimento”, modelo que está bastante ultrapassado e desvinculado da realidade dos seus estudantes. A sua persistência acarreta a prevalência do desinteresse por parte dos alunos. No contexto de incômodo em relação à falta de interesse dos alunos e, muitas vezes, no sentimento de impotência na posição de professor. (GANDRA E BORGES, 2020, p554).

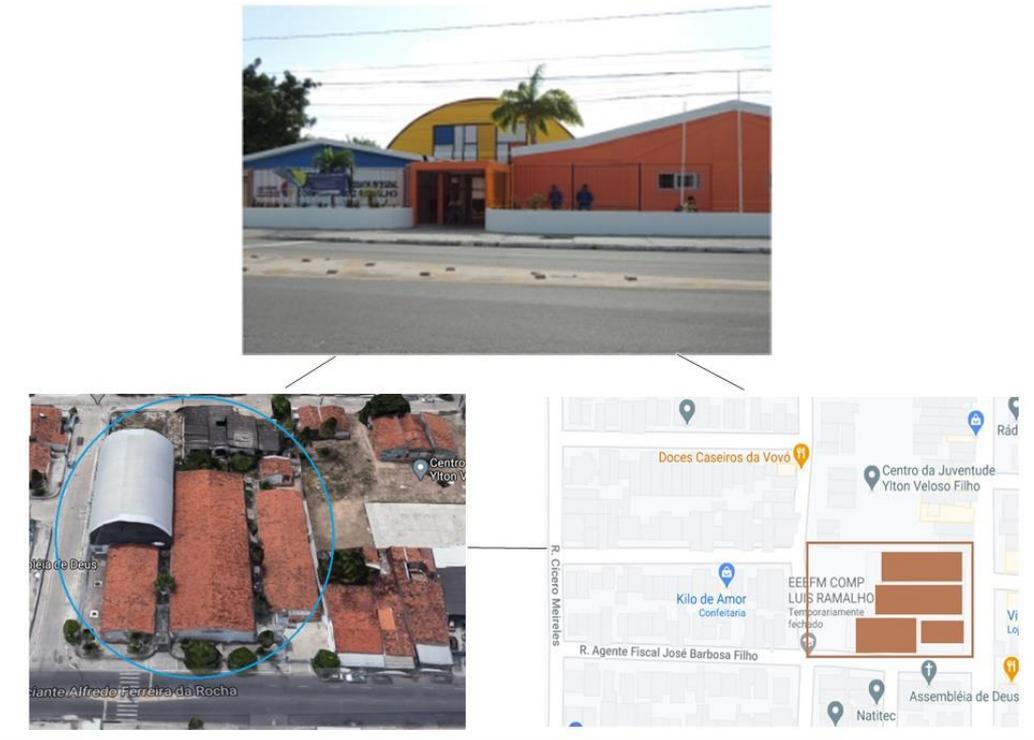
Afinal, os desafios que vem sendo superados, são uma porta para novos conhecimentos, práticas e ensinamentos, mesmo diante de todas as pedras que aparecem no caminho do professor, ele os guarda e transforma, como aprendizado, em que se levar para toda a vida.

3. METODOLOGIA

3.1 Localização e caracterização da escola

Para realizar o estágio de observação, como campo de pesquisa foi escolhida a ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL COMPOSITOR LUIS RAMALHO, localizada na Rua Alfredo Ferreira Rocha, s/n – Mangabeira I, João Pessoa – PB. A escola de rede estadual funciona com as modalidades do ensino médio integral e com educação de jovens e adultos (EJA).

Figura 01- Localização



Fonte: Google Imagens e Google maps com adaptação feita por Aline de Sousa Moura

Ao visitar a escola, recolhi as seguintes informações com coordenadora pedagógica: a escola possui em média cerca de 370 alunos, sendo 240 alunos no ensino médio integral (1º ao 3º ano) e 130 alunos na educação de jovens e adultos (EJA). A faixa etária entre os alunos do ensino integral é entre 14 a 18 anos, enquanto no EJA, a idade deve ser superior a 18 anos. No ensino médio, as aulas ocorrem de forma integral no horário das 07:30 às 17:00, e na modalidade EJA as aulas ocorrem no horário das 18:00 às 22:00, e cada aula tem duração de 50 minutos. As séries do ensino médio são divididas em três turmas cada uma, sendo identificadas como A, B e C, portanto, do 1º ao 3º ano se totalizam 9 turmas.

A escola possui 10 salas de aulas climatizadas que contém Televisões. Ao lado das salas encontram-se armários que possibilitam aos alunos guardarem os seus materiais., As salas são divididas por áreas de conhecimentos. A escola conta também com um pátio com mesas e cadeiras para os estudantes, que servem para os lanches e para o almoço, bem como espaço de estudo em horas vagas ou de intervalo. Além disso, a escola dispõe de um ginásio

esportivo de ótima estrutura, onde podem ser realizadas aulas práticas em diferentes componentes curriculares.

Figura 02- Foto do pátio



Fonte: Documentos de Moura, 2020.

A escola dispõe de três salas de laboratórios que estão divididas em: laboratório de biologia, química e física, onde são trabalhadas aulas práticas desses componentes. Além disso, há o laboratório de robótica que possibilita os alunos a manusear tecnologias, bem como favorecer o desenvolvimento do raciocínio lógico, habilidades motoras e reflexivas, e por fim o laboratório de informática que promove experiências digitais e pesquisas significativas, onde o aluno se torna protagonista da sua própria aprendizagem. As imagens abaixo mostram como são algumas salas de laboratórios desta escola.

Figura 03- Foto do Lab. de Química Física e Biologia



Fonte: Documentos de Moura, 2020.

Figura 04- Foto do Lab. de Robótica



Fonte: Documentos de Moura, 2020.

Ademais possui uma biblioteca com livre acesso aos alunos, com quatro prateleiras grandes e uma boa diversidade de livros. No começo do ano letivo de 2020, os alunos desta escola fizeram um trabalho em equipe junto com os professores e a gestão, para reorganizar a biblioteca, de modo a destacar a importância da funcionalidade dela e fazer nascerem novos leitores.

3.2 Técnicas

Para a realização deste trabalho, utilizou-se o relatório de estágio supervisionado de observação no ensino médio, na qual apresenta uma abordagem qualitativa, em que permitiu um levantamento de informações que tem como alvo as dificuldades encontradas pelo professor regente ressaltando a participação dos alunos. A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995) a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos. Fez o uso de uma pesquisa exploratória, para Gil (1999) as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

No processo metodológico, dispomos com a realização da pesquisa bibliográfica, que segundo Fonseca (2002, p.32) apud Silveira e Córdova (2009, p. 39) relata:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Contudo, procuramos reunir leituras acerca de temas relacionados ao estágio supervisionado, ensino da geografia e formação docente, para a construção dos referentes tópicos. Empregamos a pesquisa documental que, conforme mencionado por Fonseca (2002, p.32) apud Silveira e Córdova (2009, p. 39):

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas televisão, etc

Portanto, a pesquisa documental utilizada neste trabalho está baseada nos estudos das orientações curriculares para o ensino de geografia (BNCC e PNC). E a observação

participativa, desenvolvida diante a realização do processo do estágio, que segundo Marletto (2018, p. 10) neste caso:

o observador tem envolvimento mínimo no contexto social estudado. Existe algum tipo de conexão com o grupo ou contexto, mas o observador não é naturalmente ou normalmente parte do ambiente social. Em geral, como exemplo, temos as pesquisas organizacionais, onde, muitas vezes, o pesquisador identifica-se como tal, contudo apenas observa o andamento das rotinas laborais sem envolver-se diretamente nas mesmas. Exemplos referem-se a observações feitas nas áreas operacionais das organizações (produção) ou nos acompanhamentos de reuniões do alto escalão.

A observação foi realizada de forma assíncrona pelo Google Classroom, com a utilização de compartilhamentos de textos, slides e vídeo aulas para os alunos. Ao final do estágio realizou-se uma entrevista individual com o professor regente, acerca das metodologias, participação dos alunos e das dificuldades vivenciadas no ensino da geografia gerenciada com as aulas remotas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 As dificuldades encontradas pelo professor

Diante do atual contexto no mundo, em particular no nosso país, não houve possibilidade de estarmos dentro de sala de aula realizando o estágio de observação presencialmente. Nosso país está passando por um momento atípico, no qual devemos respeitar o isolamento social e tomar medidas preventivas quanto à disseminação do novo coronavírus.

Um dos setores mais atingidos foi a educação, seja superior, técnica ou básica, trazendo em meio à crise um novo método de ensino, que é o ensino remoto, já previsto na LDB no artigo 32, § 4º que diz que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. (BRASIL, 2006).

O momento atípico que vivenciamos obrigou as escolas a se adaptarem ao ensino remoto, através dos recursos tecnológicos presentes no nosso dia-a-dia. Diante disso, os professores tiveram que pensar em novos modelos de ensino para que os alunos não ficassem dispersos durante esse tempo de pandemia.

Os professores, em geral, acostumados com o ensino tradicional, se depararam com a urgência de se adaptarem ao ensino remoto, sendo este a única maneira até o momento, de dar continuidade as atividades escolares, não prejudicando assim os alunos. Desta maneira, a utilização de smartphones, tablets, computadores e afins se tornaram parte da rotina docente. Aliado a isto, a situação tecnológica precária de algumas escolas públicas se constitui outro desafio para os docentes, tendo estes, muitas das vezes tendo que utilizar seus próprios equipamentos de maneira a mitigar a desigualdade no acesso às tecnologias por parte dos alunos. Diante da observação destes acontecimentos, foi elaborado um questionário ao professor regente com perguntas referentes as dificuldades como as apresentadas a seguir:

- **QUESTÃO 01** - Quais foram às dificuldades encontradas na pandemia com o impacto do ensino remoto?

R= *As maiores dificuldades se deram na adaptação de toda a estrutura de ensino à nova modalidade imposta pela pandemia do Covid19. Sendo elas, especificamente:*

1. *“A adaptação de toda a estrutura de funcionamento da escola ao contexto remoto, com reuniões acontecendo de maneira remota, entrega e produção dos documentos burocráticos, etc.”*

Como exposto pelo professor, todas as escolas inclusive esta, passou por um processo radical de adaptação com uma reestruturação do planejamento anual, passando a ser totalmente de forma remota.

2. *“A adaptação dos alunos a todo esse contexto diferenciado, no qual eles estavam em casa tendo que manter isolamento social e muitas vezes com menos estrutura ainda do que a disponível na unidade escolar.”*

Uma das maiores dificuldades é a adaptação do alunado nesse contexto, pois os professores precisam reformular os conteúdos da maneira em que todos os alunos pudessem ter acesso igualitário. Alguns alunos não possuem acesso a internet e/ou não tem recursos tecnológicos para poderem assistir as aulas online e fazer as atividades postadas na plataforma, trazendo assim um processo de ensino aprendizagem de forma desigual.

3. *“A adaptação dos professores e profissionais da educação às novas técnicas que, nesse momento, se colocaram como as únicas possíveis. Ou seja, quaisquer atividades que os*

professores pensassem em realizar precisavam ser adaptadas ao contexto do ensino remoto, o que dificulta bastante a criatividade.”

Como argumentado pelo professor, é bastante dificultoso fazer uma reestrutura de conteúdos de forma igual, além de ter que se adaptar com as novas metodologias utilizadas pela própria escola, como o uso do classroom e as aulas online no google meet. Muitos profissionais têm bastantes dificuldades de manusear essas plataformas e inclusive em manusear os equipamentos, por serem presos rudimentarmente aos livros didáticos. Outra questão bastante pertinente é:

- **QUESTÃO 02** - Essas dificuldades ajudaram no seu crescimento como professor?

R= “Me ajudaram como pessoa e como profissional. A reconhecer as limitações dos outros e que essas limitações não representam falta de capacidade, mas, muitas vezes, falta de oportunidade de ter aprendido como lidar com certas situações. Um contexto tão difícil, que envolve não apenas a adaptação profissional, mas a adaptação como ser humano a entender a sociedade como um ser coletivo e que um depende bastante do outro, mesmo que não queira”.

Observamos através do relato acima que, mesmo diante a tantos desafios que estão sendo superado, essas dificuldades estão fazendo crescer profissionais mais humanos, tiveram que se adaptar e lida com certas situações que muitas vezes vemos muito na teoria. Muitos professores ainda estão em processo de adaptação nesse novo modelo de ensino, muitas vezes por não ter um conhecimento básico de informática, uma estrutura adequada e também de não manusear bem aparelhos tecnológicos, isso se dá ao fato de que muitas vezes ficam presos no livro didático para cumprir o calendário anual escolar.

Hoje os cursos de licenciatura fazem ser obrigatória a disciplina de educação à distância, onde o aluno se prepara para o mundo totalmente tecnológico. Para alguns professores, as aulas remotas se tornaram uma experiência prática do que se estudou na teoria. Já para outros foi uma descoberta de um novo mundo totalmente desconhecido, apesar de que, utilizamos essas tecnologias no nosso dia-a-dia, mas não tínhamos o hábito de explorar todas as ferramentas disponibilizadas pela tecnologia, temos como exemplo o celular que só se utilizava os aplicativos necessário. Faz necessário ter um olhar amplo sobre esse novo modelo de ensino e se fazer necessário uma formação adequada para saber manusear essas novas

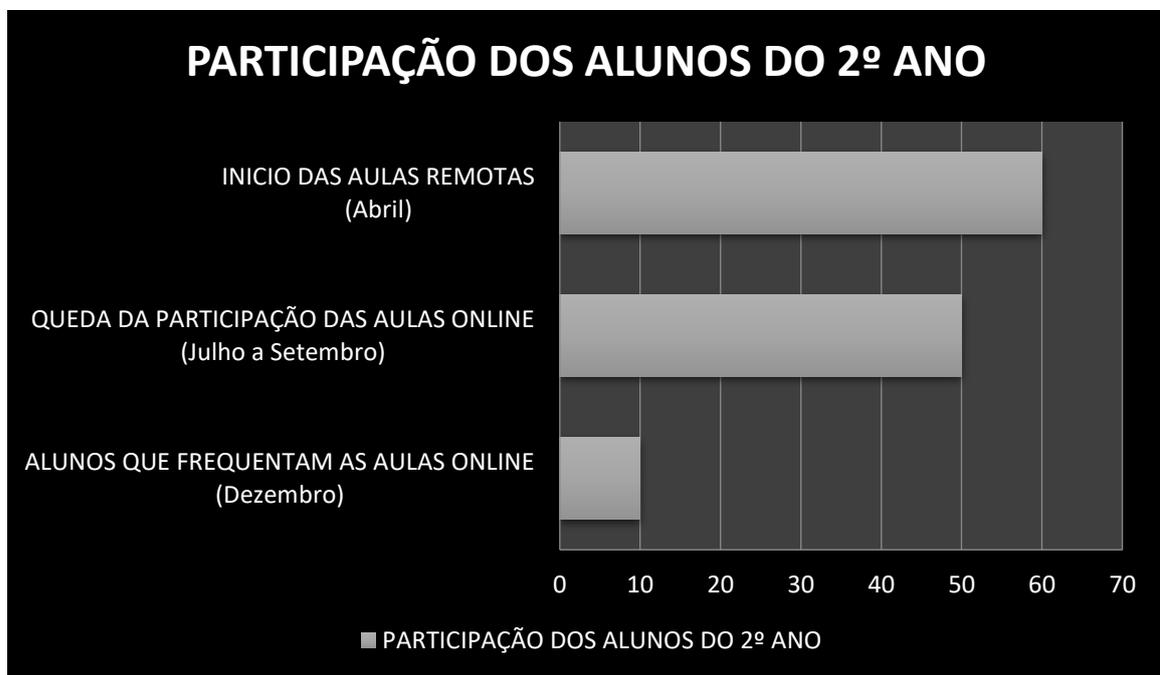
tecnologias, que após a todo esse cenário que estamos vivenciando, as escolas irão se adequar para o “novo”.

4.2 Participação dos alunos do ensino médio no contexto do ensino remoto

Na atual conjuntura, o processo de transição do ensino presencial para o ensino remoto de forma repentina teve um impacto muito grande no ensino-aprendizagem, pois trouxe inúmeras dificuldades aos alunos, sendo o processo de adaptação bastante dificultoso.

Conforme já mencionado neste trabalho, no início das aulas remotas os alunos acompanhavam frequentemente, tendo sua participação diminuída com o passar do tempo. As causas para isto podem ser muitas, tais como falta de acesso à internet, bem como a smartphones, computador, tablet e outros. No entanto, de acordo com Catanante, Dantas e Campos (2020, p.983) com o fato de um aluno possuir um dispositivo móvel ou ter acesso à internet não é suficiente para que sua participação nas aulas ocorra. O gráfico a seguir mostra a participação dos alunos do segundo ano nas aulas remotas.

Gráfico 01 – Participação dos alunos do 2º ano



Fonte: Moura, 2020

De acordo com o gráfico, podemos observar que houve uma grande evasão por parte das turmas em que o presente estágio ocorreu. Cabe salientar que este fato não é isolado, pois

ocorre em todas as escolas do Brasil, principalmente nas escolas públicas. Logo no início das aulas remotas, os alunos ficaram curiosos e entusiasmados para esse novo modelo de ensino. As aulas ocorriam uma vez por semana e ao passar de alguns meses, alguns alunos começaram a apresentar justificativas de que não poderiam assistir estas aulas, pois precisavam trabalhar ou não tinham acesso à internet. Entretanto, outros alunos desde relataram, desde o início das aulas remotas, que não poderiam assistir as aulas remotas, pois não tinham condições financeiras. Mesmo com todos os problemas que foram enfrentados, o docente relatou que a interação entre aluno e professor obteve uma redução significativa comparada ao presencial, mas a turma mostrou uma interação bem produtiva diante do contexto.

Em relação às atividades da disciplina de geografia, uma parcela dos alunos realizava as atividades e assistiam às aulas remotas. Entretanto, algum tempo depois houve uma divisão, no seguinte sentido: alguns alunos só realizavam as atividades postadas na plataforma e não assistiam às aulas remotas e uma parcela da turma passou a não realizar nem as atividades postadas. Portanto, o professor ainda relatou que a frequência dos alunos nas primeiras semanas era completa, pois todos os alunos participavam das aulas, trazendo esperança e força para que os professores continuassem motivados. Com o passar de algumas semanas essa frequência baixou e grande parte dos alunos faziam atividades de forma assíncrona, chegando até a desistir de estudar.

Conforme relatado acima, os alunos criaram expectativas nas aulas remotas emergenciais, mas não foram como eles esperavam, por muitas vezes o professor fica dependente do livro didático que por sua vez, se torna aulas enfadonhas fazendo com que o aluno não tenha interesse em participar. E quando o professor traz algo inovador para as aulas, o tempo se torna curto e o conteúdo não é passado por completo, vale salientar que o professor tem o planejamento de aulas em que a secretaria da educação do estado disponibiliza e que tem que ser cumprido.

Durante o estágio foram feitos materiais para ajudar o professor nas suas aulas, sendo esses materiais slides, vídeos aulas e pdfs, que por muitas vezes ficamos com dúvida se realmente os alunos teve acesso, pois muitos alunos matriculados não chegaram a acessar as plataformas disponibilizadas, com isso ficam certos receios se realmente os materiais construindo conforme foram passados pelo professor regente, estão sendo visualizados e estudados pelos os alunos, se eles conseguem entender a proposta passada através desses materiais.

O professor ainda relatou que havia sim interação dos alunos por grupos de Whatsapp, mais especificamente grupos de turmas (cada turma tinha um grupo que os professores participavam, para envio de dúvidas, cobranças, recados, interação em geral. e um grupo só dos alunos, que tinha interação entre eles). Em relação ao Google Meet e o Classroom, estes eram apenas para as aulas e materiais. A interação acontecia pelo Whatsapp mesmo, pois os alunos tinham mais facilidade de uso.

5- Conclusão

Com o desenvolvimento do presente estudo realizado no estágio supervisionado concluímos que a transição do ensino presencial para o ensino remoto dirigiu-se de forma dificultosa tanto para professores, como também para os alunos que tiveram que se adaptar de forma tão repentina as novas metodologias.

A observação no ensino médio na disciplina de geografia foi muito desafiadora, destacando que o estágio aconteceu em aulas remotas e de forma assíncrona, ou seja, obtendo somente contato com os alunos através do professor.

A realização do estágio de observação em meio a esta crise deixou claro o quanto é importante nos adaptarmos às tecnologias. O ensino tradicional nem sempre traz respostas significativas dos alunos para as aulas. Como professores, devemos sempre inovar essas práticas tradicionais, trazendo novas metodologias, principalmente inserindo as tecnologias como fonte de conhecimento, e a escola, que depois dessa experiência devem habilitar os avanços tecnológicos em todos os âmbitos, partindo da gestão até a sala de aula. Mas para que ocorra todo esse processo de adaptação às novas tecnologias é necessário que as escolas disponibilizem uma formação específica para essa área.

As escolas agora deverão se adaptar a esse novo método de ensino que, muitas vezes era ignorado por falta de informações concretas, e com essa pandemia ficou nítido que não só apenas cursos de graduação podem aderir à forma híbrida, mas também a educação básica pode se inserir nesse contexto, sendo ela do fundamental anos iniciais ao ensino médio.

Podemos destacar a importância do estágio em todas as licenciaturas, pois é necessário para observar pontos específicos como, por exemplo, o contexto atual de crises sanitária e econômica, deixando mais evidente as lutas dos profissionais da educação, e diante disto, o futuro professor vai realmente ter a certeza se quer seguir com esta profissão.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação. Brasília, 2006.
- CAMPOS, Margarida de Cássia, LIMA, Rosely Maria. **Estágio de licenciatura em geografia na Universidade Federal de Londrina: reflexões sobre a formação de professores**. Londrina: Editora da Universidade Federal de Londrina, 2013.
- CATANANTE, Flavia. DANTAS, Iranéia Loiola de Souza. CAMPOS, Rogério Cláudio. AULAS ON-LINE DURANTE A PANDEMIA: condições de acesso asseguram a participação do aluno?. **REVISTA CIENTÍFICA EDUC@ÇÃO**, Miracatu, v.4 , n.8, p. 977-988, jun./out. 2020.
- CESÁRIO, Marilene, et al. **Concepção de estágio dos cursos de licenciatura da UEL**. Londrina: Editora da Universidade Federal de Londrina, 2013.
- CÓRDOVA, Peixoto Fernanda. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- FIGUEIREDO, Mairon Neves. Como as aulas remotas podem trazer benefícios estudantis no enfrentamento à pandemia de COVID?, **Revista Ponto de Vista**. [S.l.], v.9, n.3, p.143-145, 2020.
- FILHO, Ailton Rodrigues Damasceno, GÓES, Liliane Matos, ROCHA, Lurdes Bertol. Distorção entre a formação e atuação do licenciado em geografia nas escolas públicas de Itabuna (BA). **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n.1, p. 129-145, jan./abr. 2011.
- GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas**. 17 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação A Distância, Sedi-ufn, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.
- GANDRA, Aline Silva Buter; BORGES, Vilmar José. Ensino híbrido: limites e possibilidades para o ensino de Geografia – memórias e relatos docentes. **EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 553-578, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora ATLAS S.A, 2008.
- GIROTTO, Eduardo Donizeti. Dos PCNS a BNCC: o ensino de geografia sob o domínio neoliberal. **Revista GEO UERJ**, São Paulo, v.1 , n.30, p. 419-439, 2016.
- GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**. São Paulo, v.35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- IDOETA, Paula Adamo. Sem wi-fi: pandemia cria novo símbolo de desigualdade na educação. **BBC News Brasil**, São Paulo; [s.n], 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54380828>>. Acesso em: 05 de maio de 2021.

MARLETTO, Marcio Luiz. Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. **Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)**, São Paulo. 18, oct. 2018. Disponível em: <<http://revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/2717>>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

MORAIS, Nathália Rocha, BURITI, Maria Marta dos Santos. O lugar dos estágios supervisionados e da pesquisa na formação de professores e no ensino de Geografia. in: **III seminário de educação geográfica**, 2019. Disponível em: https://85721b17-2334-4cb1-8d04-e8e64cd9b788.filesusr.com/ugd/22c3c6_db4d306da52349669ee791fdb5a25db5.pdf. Acesso em: 26/11/2020.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Científica**, Araras, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

SOUZA, Dominique Guimarães; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. **Revista Boletim da Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v.4, n.11, p. 81-89, 2020.

OLLIVEIRA, Ana Paula Santellano; FENNER, Roniere dos Santos. Interdisciplinaridade: o desafio de trabalhar a área das ciências da natureza na escola pública. **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Rio Grande do Sul, v.9, n.1, p. 1-14, 2020.

OLIVEIRA, Patrícia Aguiar. **Métodos e técnicas de ensino na disciplina de história: superando o ensino tradicional**. 55p. Monografia (Especialização em Educação). Universidade Tecnológica do Paraná, Medianeira, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiésis**, Florianópolis, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005/2006.

PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. A BNCC para o ensino de geografia: a proposta das ciências humanas e da interdisciplinaridade. **Revista OKARA**, João Pessoa, v.12, n.1, p. 48-68, 2018.

TOKARNIA, Mariana. Professores apontam dificuldades na implementação da BNCC. **Agência Brasil**, Brasília; [s.n], 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2018-09/professores-apontam-dificuldades-na-implementacao-da-bncc>>. Acesso em: 20 de abril de 2021.